

4

## Caroline Valansi e suas memórias inventadas em simples costuras

*“A memória é uma ilha de edição.”*

Waly Salomão

*“O olho do homem serve de fotografia ao invisível, como o ouvido serve de eco ao silêncio”*

Machado de Assis

*a fotografia é um tempo morto  
fictício retorno à simetria  
secreto desejo do poema  
censura impossível  
do poeta*

Ana Cristina Cesar

Caroline Valansi trabalha com fotografia, mas não fotografa. Sai pelo mundo catando imagens “descartadas”, sem origem, esquecidas em velhos álbuns de fotografia, de pessoas sem nomes próprios.

Parece que, de algum modo (penso), a transfiguração (gesto) em “Memórias inventadas em costura simples” muito tem a ver também com o movimento realizado por Roland Barthes em seu “Fragmentos de um discurso amoroso”. Logo em seu prefácio, Barthes deixa claro o seu intento de retirar do “limbo do pensamento” o discurso sobre amor:

A necessidade deste livro se apoia na seguinte consideração: o discurso amoroso é hoje em dia de uma extrema solidão. Este discurso talvez seja falado por milhares de pessoas (quem sabe?), mas não é sustentado por ninguém; foi completamente abandonado pelas linguagens circunvizinhas: ou ignorado, depreciado, ironizado por elas, excluído não somente do poder, mas também de seus mecanismos (ciências, conhecimento, artes). Quando um discurso é dessa maneira lavado por sua própria força à deriva do inatural, banido de todo espírito gregário, só lhe resta ser o lugar, por mais exíguo que seja, de uma afirmação. Essa afirmação é o assunto do livro que começa (Barthes, 1981).

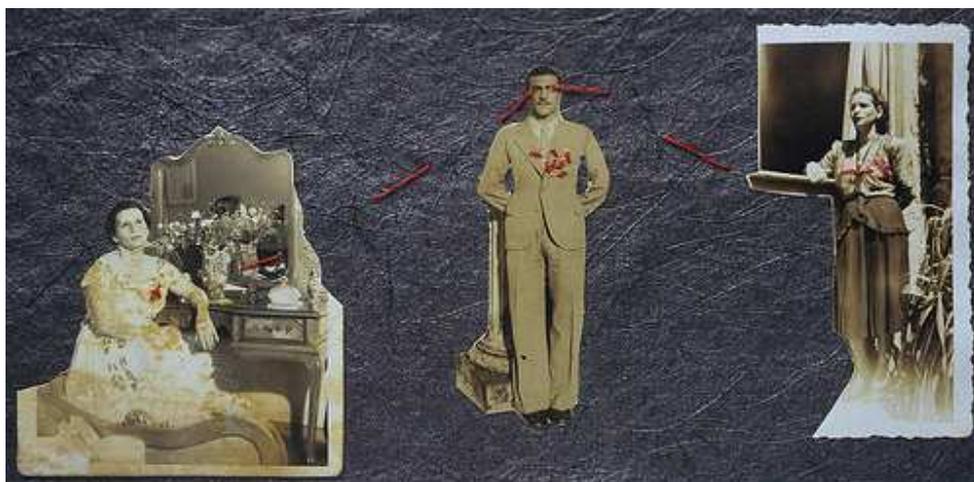
“Memórias inventadas em costuras simples” muito se assemelha aos fragmentos de Barthes na vontade/tarefa de afirmar os afetos, as relações amorosas de pessoas anônimas; de tirá-las do rol das desimportâncias habilitando-as a entrar e a permanecer ao lado dos “grandes temas”. Assemelham-se ainda, por se constituírem de fragmentos, partes de vida suspensas, “congeladas,” contadoras de histórias.

#### 4.1

##### **Sobre as colagens:**

Caroline Valansi, ao costurar, cortar, colar, cria planos narrativos com as imagens fotográficas, planos esses que não se pretendem totalizadores, contadores de uma única história com começo meio e fim definidos, mas que ao contrário, desejam permitir a proliferação de inúmeras narrativas que contam com a imaginação do espectador para serem acionadas e desenvolvidas para além delas. A colagem é uma violência revelada. Ela diz: “esse personagem, esse objeto que você está vendo aqui,

não nasceu aqui. Ele foi arrancado do seu lugar de origem, e essa origem (embora a imagem assegure existir) não poderá mais ser acessada por você. Inútil procurar! Caroline Valansi com suas colagens suspende as Relações “literárias”, desconstrói contextos, desloca personagens e impõe com sua costura, com sua linha vermelha novos vínculos, novas narrativas.



**Imagem 11:** “Triângulo amoroso”. Caroline Valansi. Fotografia digital. 2007. 50x100 cm

(Golpe)

Tudo Parecia coerente. Mas não estava. Em uma conversa recente <sup>18</sup> com Valansi, ocorreu-me perguntar como ela havia conseguido as fotos da série “Memórias inventadas em costura simples” (eu já sabia que as fotos lhe tinham sido dadas de presente por uma amiga, mas algo me impelia, soprava em meu ouvido: “repita a pergunta, Joana”. Obedeci e Caroline respondeu: “Uma amiga minha, que é catadora de lixo, passava na rua na hora exata que uma senhora jogava fora uma caixa repleta de fotos de família. Ela disse que olhou nos olhos da senhora e perguntou se podia trazê-las pra mim. A senhora fez que sim com a cabeça, hesitou por um instante e disse: “pode levar, mas antes eu vou rasgar”. De modo, que elas chegaram até mim rasgadas... Como um quebra cabeças.”

<sup>18</sup> Essa conversa aconteceu em Janeiro de 2013.

A violência que eu antes enxergava na colagem (embora exista) não foi um ato deliberado da artista. Caroline não corta, não suspende as relações narrativas. Seu trabalho é, antes, uma sutura, uma tentativa (dentre muitas possíveis) de cicatrizar essas imagens. No entanto, ela sabe que a cicatrização completa é uma aporia... Essas imagens têm cortes profundos (demais) que impedem qualquer tentativa de cicatrização completa. E é por isso, que o trabalho de Caroline é antes de tudo convite à imaginação do leitor/observador/participador: “Venham todos vocês com suas linhas em punho! Venham juntar, mesmo que por um instante, meus pedaços soltos!”



**Imagem 12:** “Retalhos”. Caroline Valansi. Fotografia digital. 2007. 138x76cm

Na colagem intitulada “Pedaços I” (Imagem 13), Caroline Valansi “exige” ainda mais da imaginação do público. Nela podemos observar numerosos pedaços de

fotografia, fragmentos de diversos acontecimentos, entretanto, as imagens- história desses fatos, evocados por elas, nos são negados, pois a artista dá a ver somente o verso das fotos. É sabido que imaginação é parte constituinte de qualquer obra, contudo é importante ressaltar como Valansi em “Pedaços I” converte a imaginação em tema, construindo um potente campo de tensões entre o visível, o invisível e o imaginário.

Há duas obras (que gostaria de convocar aqui) nas quais as tensões percebidas na obra de Valansi também aparecem de forma preponderante. A primeira é um trabalho de Rosângela Rennó intitulado “Vera Cruz” (2000). Trata-se de um vídeo, um documentário fictício sobre o descobrimento do Brasil que é apresentado ao público (ironicamente?) como uma cópia da película “original” produzida há 500 anos. Diante da obra percebemos a ausência de som, vemos apenas a imagem desgastada (pelos supostos anos decorridos) e as legendas fragmentárias baseadas na carta de Pero Vaz de Caminha. As legendas, a memória da carta, convocam o público a “preencher” o branco da tela.

A segunda obra, de Daniel Senise, chamada “2892”, é uma instalação constituída por 70 lençóis brancos esticados em duas grandes estruturas de madeira que formavam um grande corredor no salão principal da Casa França-Brasil. Na estrutura do lado direito lia-se em uma plaquinha: “Branco 2430” e na do lado esquerdo “Branco 462”. O título e os números (a princípio) pouco revelam a obra. Podia-se somar e concluir  $2430 + 462 = 2892$ . Mas era preciso um investimento maior no branco, passar de simples observador a participador. E a passagem só poderia ser feita a partir da leitura de um pequeno texto (em uma das paredes) informando que o trabalho fora iniciado no ano de 1993, quando o artista doou os lençóis ao Instituto Nacional do Câncer e a um motel da cidade do Rio de Janeiro. Os números nas plaquinhas se referiam ao número de pessoas que teriam usado os lençóis (2430) no motel e (462) no hospital.

A partir da leitura das informações, o branco associado ao nada... Ao vazio, converte-se imediatamente em cheio, em excesso. Inúmeras histórias são convocadas. Quem foram? Como se chamavam as pessoas que deitaram um dia nesses lençóis?

Estarão vivas ou mortas? Quantos prazeres? Quantas dores esse branco testemunhou? O observador/leitor/participador é capturado do tempo e espaço em que habita pelo tempo espaço da obra... Essa captura durará enquanto durar o (seu) investimento das perguntas sobre o branco.

Cabe ainda lembrar que os lençóis foram devolvidos a Senise 18 anos depois da doação. Há um emprego de tempo aí... Uma espera que não é espera. É trabalho. E esse trabalho/espera se contrapõe à aceleração dos dias atuais, à correria das cidades, à cultura da velocidade, do instantâneo. Foi preciso tempo para que vida pintasse essas telas/lençóis. E é preciso tempo (emprego de tempo) para que ela (a vida) volte a pulsar sobre eles.

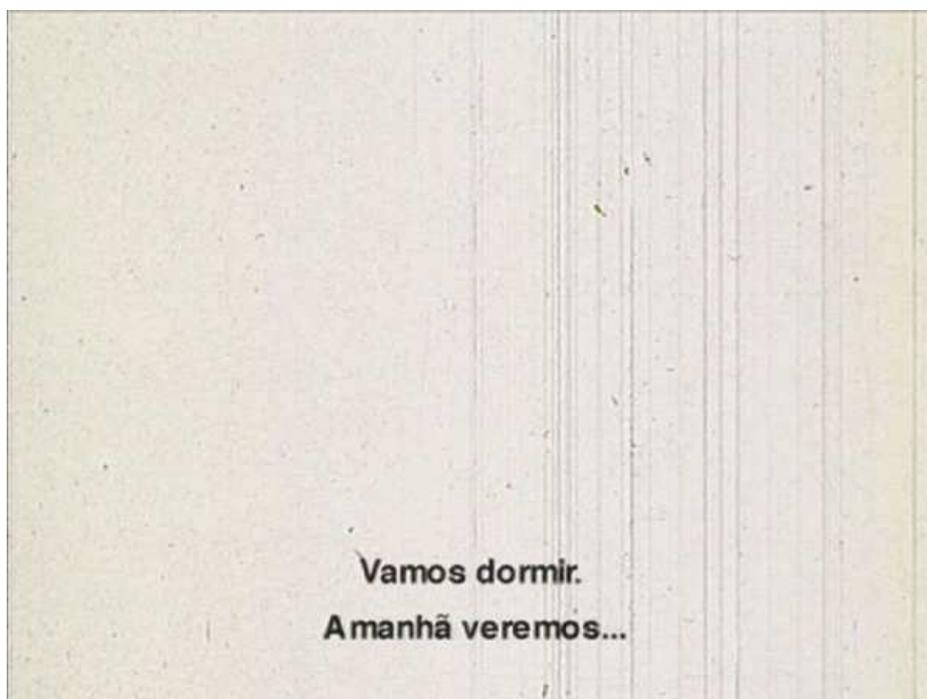
Deleuze em “*Francis Bacon: Lógica da sensação*” diz ser um erro supor que o pintor comece seu trabalho a partir de uma superfície em branco. Para ele, a superfície da tela está sempre virtualmente repleta de clichês dos quais o pintor precisa se libertar. Pintar se assemelharia então a uma espécie de limpeza, de varredura e a pintura, poderia neste sentido, ser pensada mais como uma arte de subtração (que retira o material) que uma arte de adição<sup>19</sup>. Daniel Senise pinta (do modo de Deleuze) ao levar os lençóis para a lavanderia, ao esticá-los, ao expô-los e convida o “observador” a pintar com ele.

---

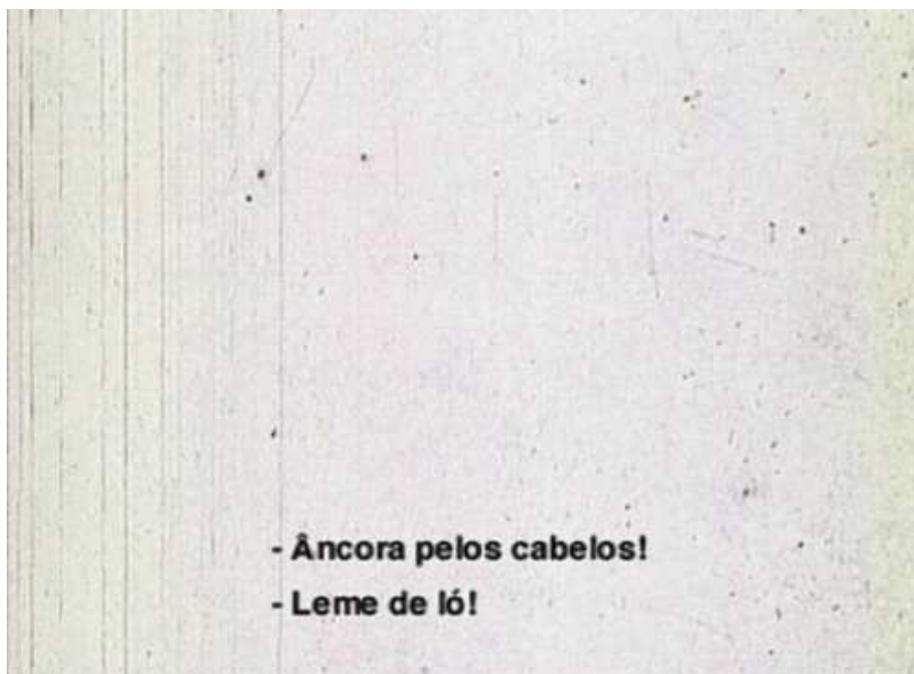
<sup>19</sup>Tal qual a escultura que o escultor a força, a “marteladas” libera da matéria amorfa - aço, madeira, mármore, ferro, bronze.



**Imagem 13:** "Pedacos I". Caroline Valansi. Colagem digital. 028x035 cm. 2008



**Imagem 14-a:** "Vera Cruz". Rosângela Rennó. Vídeo 44 minutos. 2002



**Imagem 14-b:** “Vera Cruz”. Rosângela Rennó. Vídeo 44 minutos. 2002



**Imagem 15-a:** “2892”. Daniel Senise, corredor formado por 70 lençóis brancos. 2011.



**Imagem 15-b:** “2892”. Daniel Senise, corredor formado por 70 lençóis brancos. 2011.

## 4.2

### Fotografias e testemunho

O caráter melancólico da fotografia elucidado por Roland Barthes encobre uma espécie de alegria que pode estar contida nas fotografias. Alegria essa, que não conseguia enxergar, pois “A câmara clara” é um livro-trabalho-de-luto escrito depois da perda da mãe. Talvez por isso, as fotos para Barthes, denotam melancolia/ausência/transparência, apontam sempre para o passado, para uma memória irre-

cuperável.

O que parece estar em causa para Valansi é, justamente, a ideia de que a fotografia pode contar inúmeras histórias, se configura como um campo aberto a explorações, a interferências do público. E que por isso não remeteria ao passado, mas as possibilidades múltiplas de leituras do presente. Talvez para pensar como a memória aparece em seus trabalhos seja preciso recorrer a Deleuze e Guattari em “O que é a filosofia?”:

“O ato do monumento não é a memória, mas a fabulação. Não se escreve com lembrança de infância, mas por blocos de infância, que são devires criança do presente. A música está cheia disso. Para tanto é preciso não memória, mas um material complexo que não se encontra na memória, mas nas palavras e nos sons: “Memória eu te odeio” (Deleuze, 1992, p. 218)

“Memórias inventadas em costuras simples” se auto testemunham como objetos manipulados e manipuláveis... Espécie de brinquedo, máquinas de fazer imaginar.

### 4.3

#### Tecelagem

**tecer**|ê|

V. tr.1. Fazer obra de tear. 2. Diz-se do trabalho da aranha. 3. Fiar.4. [Figurado] Entrelaçar.5. Compor enredando. 6. Coordenar, compor (o que exige trabalho e atenção). 7. Tramar, armar, inventar. 8. Ornar, enfeitar. 9. Principiar, entabular. v. intr.10. Exercer o ofício de tecelão. 11. Intrigar.12. Diz-se da ação das crianças pequeninas quando mexem com os pés e com as mãos.13. [Informal] Ir e vir, andar de cá para lá. v. pron.14. Enredar-se, entrelaçar-se.15. Formar-se, condensar-se.16. Preparar-se, organizar-se.(DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS da língua portuguesa. 2001)

Etimologicamente “tecer” vem do latim *tecere*, que significa justamente isso: tramar fios, textos, palavras, ideias. Caroline Valansi sabe que imagens são textos, que elas podem conter muitas histórias (em latência), que são gatilhos para a imaginação. O trabalho de “tecelagem” de Valansi começa com as escolhas das fotografias - que são sempre de momentos carregados de afetividade: casais, cenas de família, momentos íntimos – depois de escolhidas, as fotos passam pelos vários processos de manipulação já descritos aqui e então finalmente são (re)fotografadas, ampliadas e

expostas ao público como obra. Mas uma obra que deixa ver os rastros dos seus processos de feitura e mostra-se ainda como que “se fazendo” a partir/com/no olhar do observador/leitor.

Ao olharmos a série de Valansi, não encontramos apenas os referentes das fotografias (o mundo “real” de pessoas e coisas) que lhes deram “origem”. Ao contrário, somos estimulados a reinventar essas origens e é dessa reinvenção, feita no presente (no aqui e agora, no instante-já) que o passado depende (que a fotografia depende). Depende dessa espécie de alegria (alegria de produzir presentes) que evoquei (sem explicar) na primeira parte do trabalho quando tentei me contrapor a Barthes na sua visão “pessimista” da foto como falta/ ausência/ passado/melancolia.

Na primeira fotografia (imagem 1) vemos um casal, vestido de noivos. Percebemos que ela foi rasgada (fragmentada) e depois novamente reunida por uma costura vermelha. “Era uma vez...” é o título. Título que não encerra o “sentido” da foto, mas que funciona como uma abertura, convite de livro. “Contem minha história!” ela diz.

A fotografia é índice de que essas duas pessoas existiram no mundo e que se deixaram fotografar (o “isso foi” Barthesiano). Mas, além disso, ela não pode ser garantia de nada... Não dá prova de nada. A foto convoca memórias, repertórios do público para colocá-la em movimento. Quem são esses dois? Eles se casaram, separaram-se? As respostas, suposições (legendas) que surgirem serão todas nascidas do presente e partirão em direção ao futuro e, nas linhas finais deste texto, tentarei demonstrar isso ao escrever minhas próprias legendas/ficções.

“*Amor de pai*” é o título da imagem 16. Nela vemos um homem em cima de uma motocicleta com duas meninas, o título sugere que são suas filhas. Há uma costura ligando os três personagens. A foto é simples (incrível como ao descrevê-la eu a esvaziei de sensações): três pessoas unidas, uma linha vermelha... Matéria suficiente para a imaginação se pôr a trabalho. Os afetos reconhecíveis e aqueles não reconhecíveis (“affectos” produzidos pela artista) criam “um composto de sensações” e colocam a obra de pé como escreve Deleuze e Guattari.

Também de pé está a imagem 17, onde aparece um grupo de dezoito pessoas,

das quais sete são mulheres. Eles posam para a foto. Parece ser uma foto de família. O título é “Rede”:

**Rede [ê]**

(latim rete, -is) s. f.1. Malha feita de fios entrelaçados com espaços regulares. 2. Utensílio de malha larga para apanhar peixes ou outros animais. 3. Tecido de malha de algodão ou seda com que as mulheres envolvem o cabelo. 4. Tecido metálico que serve para resguardar as vidraças. 5. Utensílio de malha de arame para resguardar a comida. 6. Tecido de arame. 7. Artefato, de tecido ou malha resistente, suspenso pelas duas extremidades, onde se dorme ou descansa. 8. [Desporto] Tira de tecido de malha que divide um campo de ténis, de vôlei ou uma mesa de pingue-pongue. 9. Conjunto de linhas de caminhos-de-ferro, telefónicas, telegráficas, de canais, etc. 10. [Anatomia] Entrelaçamento de nervos, fibras, etc. 11. [Figurado] Diz-se de tudo que leva adiante de si e apanha ou arrasta quanto encontra.12. Complicação de coisas.13.Cilada.14. [Informática] Sistema de computadores geograficamente afastados uns dos outros, interligados por telecomunicações, geralmente permanentes.15. [Informática] O mesmo que Internet. rede de dormir: retângulo de tecido de malha que se suspende para nele se dormir ou descansar. rede social: conjunto de relações e intercâmbios entre indivíduos, grupos ou organizações que partilham interesses, que funcionam na sua maioria através de plataformas da Internet. rede varredora: rede de arrastar que apanha grande quantidade de peixe. ( *Idem*)

Todas essas redes estão em estado de latência na imagem de Velansi. Para seu sucesso, é preciso um público ativo disposto a entrar no jogo, a “dar vida ao que já teve seu valor e foi esquecido e recriar as relações humanas, mesmo sendo estas criadas pela imaginação”

#### 4.4

### Legendas

#### (Usando as máquinas brinquedo)

Sobre “Era uma vez” (Imagem 1):

Homem e mulher

Ele de noivo / camisa branca dentro do terno escuro + gravata + bigode

Ela de noiva / vestido branco + buquê de flores + grinalda na cabeça.

Do lado direito de quem vê: uma cômoda de madeira onde repousa um arranjo de flores que dialoga com o buquê da mulher.

Atrás da mulher uma porta fechada.

O chão é de taco.

Quem são essas duas pessoas?

Eles se amavam.

Casaram-se.

Não. Foram mortos segundos antes.

Sim. Casaram por amor.

Casaram por vingança.

Por medo de solidão. Porque a vida é difícil.

Porque sentiam frio no inverno.

Os pés dela eram quentes.

Ele tinha olhos bondosos.

Casaram-se porque ela estava grávida. Dele.

Não. Não dele. De um outro qualquer que ela nem amava.

Sim amava. Mas se casou com o outro. Porque a vida é assim, difícil.

Ele queria ter uma menina, ela um menino.

Ela não queria ter filhos.

Ele queria um carro novo.

Ela um gato.

Ele rasgou a foto quando se separaram.

Eles nunca se separaram.

A amante dele rasgou a foto.

Não. A filha mais nova deles rasgou.

Ela mulher rasgou quando descobriu que o homem tinha uma amante

Não. A foto rasgou sozinha.

Ela costurou

Não. Ele costurou.

São as mulheres que sempre costuram!

Talvez ele fosse um pouco mulher

A vida é muito difícil...



**Imagem 16:** “Amor de Pai”. fotografia digital. 2007. 28x40 cm

Uma motocicleta.

Em cima dela um homem e duas meninas.

Uma atrás agarrada a sua cintura.

Outra a sua frente equilibrando-se na motocicleta (parece querer descer).

São íntimos os corpos... Cumplicidade.

Ele é o pai delas.

Talvez irmão mais velho.

Não.

Acho que é pai mesmo.

Os corpos delas se adéquam ao dele.

Eles parecem felizes.

O lugar é árido.

Talvez não.

Talvez pareça só. Sabe como é... Textura, luz. Essas coisas de fotografia. Eu não entendo.

Iam dar um passeio.

Era domingo.

Não.

Era sábado.

Ele (o pai) não sabia andar de verdade de motocicleta. Eles só estavam posando para a foto.

O pai nem era pai, era um modelo.

As meninas, filhas de outro pai, representavam bem o papel de filhas desse homem, falso pai, em cima da moto.

Não.

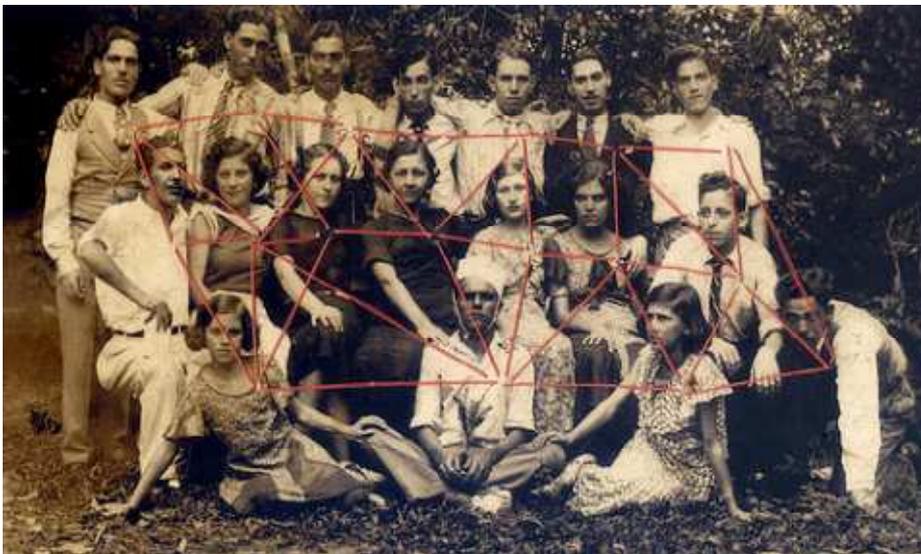
Era domingo mesmo.

Os três iam dar uma volta.

Um momento de guardar na memória.

A mãe das meninas e mulher do homem pai foi quem tirou a fotografia.

Ela estava feliz naquele dia.



**Imagem 17:** Rede. Fotografia digital. 2008. 78x128 cm

Essas pessoas pertencem à mesma família.

Não. Certamente alguém é intruso aí.

Eles são amigos de orfanato.

Ninguém aí tem pai ou mãe.

Sim. Todo mundo tem pai e mãe.

Certamente há nesse bloco de gente afetos escondidos. Bons e ruins.

Paixões não reveladas.

Raivas controladas ou quase.

Estarão eles ainda vivos?

Os rapazes se transformaram em médicos, padeiros e pais de família.

As mulheres viraram cozinheiras, secretárias e mães família.

Tiveram muitos filhos.

Não puderam ter filhos.

Todos morreram em um acidente aéreo.

Inclusive o cachorro e o gato que não aparecem na foto, mas estão atrás do muro de gente.

Não havia cachorro nem gato.

Todos eles faziam parte de uma seita e esperavam Jesus chegar no dia 25 de dezembro de 1963. Mas como Jesus não veio, eles foram ao encontro de Jesus.

Não.

Eles eram da mesma família católica.

Amavam-se.

A linha vermelha que sai do peito de todos e se liga ao peito de todos Comprova...

Eles são um só.

Vários...